

ENQUANTO NÃO ME CHAMAR SAUDADE

Prof. Heitor REGINA*

Neste ano de 2006 a PUC de Campinas está comemorando os seus sessenta e cinco anos de profícua existência. Domingo de manhã, dia 22, participei da Caminhada dos 65 anos, na Lagoa do Taquaral.

A primeira turma da Faculdade de Direito, que integrei, período de 1952 a 1956, está comemorando o seu jubileu de ouro, ou seja, cinquenta anos de sua formatura.

Retornei à PUC no início do ano letivo de 1968, passando a integrar o corpo docente da FADI, até hoje, ininterruptamente, decorridos trinta e oito anos.

Nesse interregno, de início de junho de 1980 ao final de janeiro de 1985, exerci as nobres e elevadas funções de Reitor da Universidade, o terceiro da sua trajetória. Antecederam-me o Monsenhor Emílio José Salim, primeiro Magnífico Reitor e Fundador da Instituição e o Dr. Benedito José Barreto Fonseca.

O registro das minhas lembranças em relação à PUC Campinas, que entrelaça as nossas existências, pode desdobrar-se em três enfoques: o aluno, o professor e o Reitor.

O ALUNO

Integrando a primeira turma da FADI (1952 a 1956), foi ela a responsável por trazer para Campinas muitas novidades e por iniciar várias tradições, destacando-se a recepção aos novos alunos das turmas, a Semana Jurídica, com a presença de grandes nomes do mundo do direito convidados para proferir palestras aos alunos, ampliando-lhes os horizontes, a criação do Centro Acadêmico “XVI de Abril”, órgão representativo do Corpo Discente, cujo nome significou especial homenagem dos alunos ao fundador das Faculdades Campineiras e primeiro Reitor, Monsenhor Salim

(paraninfo da Turma), tratando-se do aniversário da sua ordenação sacerdotal. Também a famosa “pindura”, homenagem ao dia 11 de agosto comemorativo da instalação dos Cursos Jurídicos no Brasil (São Paulo e Olinda, este depois transferido para Recife), que tanto espanto e escândalo causou na ocasião. Na sede do CA. há a galeria dos seus Presidentes, começando por José Antonio Trevisan. Fui 2º Tesoureiro da primeira diretoria.

Dirigiu a Faculdade, durante muitos anos o Eminentíssimo Advogado Dr. Carlos Foot Guimarães, que ministrava a disciplina Direito Civil (patrono da primeira turma), existindo no recinto da Direção a galeria dos Diretores.

A formatura ocorreu no dia 29 de abril de 1957, com missa em Ação de Graças na Catedral Metropolitana de Campinas, seguido de um banquete oficial e, à noite, sessão solene no Teatro Municipal de Campinas (depois, demolido).

Casei-me, na Igreja do Carmo, com Lygia Silvia de Seixas Queiroz, em 28 de junho de 1958, casamento esse que contou com o prestígio da participação dos sacerdotes que compunham a administração superior: celebrado por Monsenhor Salim e coadjuvado pelos padres Tomás Vaqueiro e Amauri Castanho (depois, Bispos de São João de Boa Vista e de Jundiá) que, juntamente com o Cônego Agnelo Rossi (depois Cardeal e trabalhando junto ao Vaticano), auxiliavam na administração da Instituição. Tivemos – e temos – sete filhos, um deles, José Eduardo Queiroz Regina, ex-aluno e também professor de Direito Tributário da FADI desde março de 1999 até final do primeiro semestre de 2006, quando da implantação da carreira docente e o seu desligamento.

Sempre sonhei com o estabelecimento de uma política inovadora, arrojada, permanente e crescente, a cargo da Instituição, ligada aos egressos, ex-alunos, que

* Professor de Direito Constitucional e Direito Tributário. Reitor da PUC –Campinas no período de 1980 a 1985. Mestre em Direito Tributário.

representam inestimável potencial, tendo até apresentado um projeto a respeito, infelizmente não transformado em realidade, inspirado na experiência das universidades norte-americanas.

O PROFESSOR

Pessoalmente convidado por Monsenhor Salim, comecei a ministrar aulas na FADI no início do ano letivo de 1968, primeiro como assistente na disciplina de Direito Comercial e, logo a partir do ano seguinte, assumindo a disciplina de Direito Financeiro e Tributário, da qual sou titular (matutino e noturno). Mais recentemente, por concurso, passei a ministrar também a disciplina de Direito Constitucional.

Interessante registrar que, no ano de 1967, eu havia decidido a fazer júri por sentir necessidade de desenvolver a minha potencialidade de comunicação, que a advocacia empresarial e tributária, que escolhera, não propiciava. Com o convite recebido e iniciando o magistério, desisti da idéia, desenvolvendo-me, com muita seriedade, nas salas de aula, onde me sinto muito feliz.

Tenho muito orgulho em exercer, com responsabilidade, as duas atividades, que reciprocamente se completam, a advocacia e o magistério, sentindo-me plenamente vocacionado para ambas. Como advogado, fui Conselheiro Estadual e Conselheiro Federal da OAB e participei de bancas examinadoras de Concursos à Magistratura e para Delegados de Polícia, e outros concursos, sempre representando a OAB. Como Professor universitário atingi o ápice da carreira, exercendo a Reitoria da Universidade.

Para minha satisfação, várias turmas de formandos escolheram-me ora para Paraninfo, ora para Patrono, ora para Nome de Turma, ora para Professor Homenageado.

Sempre fiz questão de destacar, por meio de uma aula-meditação especial, o Dia do Professor, que se comemora no dia 15 de outubro de cada ano, dando relevância às funções e responsabilidades dos mestres e às relações com os alunos e a sociedade.

É com muita alegria que registro estar ministrando aulas também na Universidade da Terceira Idade, da Faculdade do Serviço Social da PUC, no módulo *Cidadania e os Direitos do Idoso*, inclusive uma palestra-show, juntamente com Lygia, intitulada *Os Três Pilares da Felicidade*, com projeções, muita música, dança, etc.

A Faculdade de Direito é uma das principais e mais conceituadas e tradicionais faculdades do Brasil.

Com muita honra presidi a Comissão responsável pela festividade do Jubileu de Ouro da FADI, em 2001.

O REITOR

No ano de 1979 a PUC passou a sofrer uma forte crise, agravada no primeiro semestre de 1980. Sem dúvida, a maior, mais séria e profunda da sua história, verdadeiro caos de natureza político-administrativa-financeira, acadêmica e moral, que chegou a deixar a comunidade acadêmica, pelos seus três segmentos, professores, funcionários e alunos, com as suas atividades paralisadas e pressionando pela queda do então Reitor, que administrava a Universidade de forma centralizadora há doze anos. Eram muitas as dívidas decorrentes da construção do campus II (Área da Saúde, inclusive o Hospital), comprometendo a Instituição.

Situação mais agravada ainda quando o Conselho Universitário, reunido, elaborou lista sêxtupla a ser encaminhada ao Grão Chanceler, Dom Gilberto Pereira Lopes, para a escolha do novo Reitor. Embora não constasse o nome do Dr. Barreto, os constantes da lista foram considerados *barretistas* e, portanto, sem condições de assumirem a Reitoria, o que aumentou o mal-estar na Universidade.

Lembro-me de que à noite, durante o jantar e acompanhando o noticiário a respeito da gravidade da situação, comentei com Lygia: *não gostaria de estar na pele de D. Gilberto*. Ninguém sabia que rumo tomaria a PUC, caso conseguisse retomar as suas atividades. Cerca de 2:30h da manhã tocou o telefone em casa. Era o Padre Busch, em nome de D. Gilberto, convidando-me para comparecer incontinentemente à residência de D. Gilberto, onde o clero e a mantenedora estavam reunidos e para onde dirigi-me.

Recebi então o oficial e surpreendente convite para, à revelia da lista sêxtupla, ser o novo Reitor da PUC, por unânime escolha dos presentes. E, em meio àquela crise e sem jamais ter participado da administração da Universidade, cuja dimensão desconhecia, amanheci Reitor, nomeado *pro-tempore*.

Charge de um jornal, fazendo alusão à lista sêxtupla, mostrou seis pessoas sentadas, cada qual em sua cadeira, passando sobre suas cabeças um braço comprido com uma coroa à mão, depositada na sétima cabeça, alguém fora da lista, no caso, eu.

Era tal a crise que cheguei a anunciar, em entrevista coletiva à toda imprensa e em cartazes espalhados, que se

no primeiro dia do reinício das aulas (1º de agosto) não estivessem todos em seus respectivos lugares – professores, alunos e funcionários – eu assinaria documento já elaborado e em minha mesa, decretando o recesso da Universidade, ou seja o encerramento das atividades. Tendo sido alardeada tal decisão, lembro-me que a então Reitora da PUC São Paulo, Profª Nadir Kfouré, telefonou-me indagando se eu poderia praticar tal ato extremo ao que lhe respondi que não sabia mas praticá-lo-ia, dada a premente necessidade; o mérito seria examinado depois. Felizmente, na data aprazada, todos estavam em atividade e assim, juntos, recomeçamos a construir a nossa Universidade.

Nesta fase de transição foram Vice-Reitores: Administrativo, o Prof. Dr. Paulo de Tarso Barbosa Duarte, da FADI, (hoje, Pró-Reitor de Extensão) e Acadêmica, a Profª. Maria Rosa Marafon, da Faculdade de Educação.

Depois de sete meses *pro-tempore*, o Conselho Universitário elaborou nova lista sêxtupla e fui escolhido e nomeado para um mandato de quatro anos, que terminou no dia 31 de janeiro de 1985. Foram Vice-Reitores: Administrativo, o Prof. Dr. Antonio José de Pinho (da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU) e Acadêmico, o Prof. Dr. Eduardo José Pereira Coelho (da Faculdade de Engenharia).

Foi muito difícil reiniciar as atividades da Universidade, cuja real situação ninguém conhecia, exigindo muito trabalho e dedicação.

Como diz a Profª Dra. Ana Maria Negrão em sua tese *Ensino do Direito: Reprodução ou Contextualização Sócio-Política?*, SP, 1997, página 76: *Em 1980, como reflexo da abertura política do país fase de transição do regime ditatorial militar para a democracia a PUCCamp contestou as atitudes autoritárias da Universidade, culminando com a queda do Reitor e nomeação do Professor Dr. Heitor Regina. Houve um progresso, com implantação de Departamentos, proposta de um Projeto Pedagógico Geral, onde se firmasse a identidade da Instituição, como uma oportunidade de repensar currículos, metodologia, formação dos docentes e discentes, infra-estrutura acadêmica, enfim, um salto qualitativo, à luz de Puebla. Algumas conquistas foram conseguidas, não em todos os cursos da PUCCamp, em face das seqüelas do autoritarismo vigente na gestão anterior.*

Em 2005 a então Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da PUCCamp, sob a responsabilidade da Profª. Dra. Carmen Cecília de Campos Lavras, publicou e divulgou um guia Informativo intitulado *O Professor e a Extensão Universitária na PUC-Campinas* no qual, após destacar que há mais de 20 anos, a Extensão passou a ser sistematicamente discutida na PUC-Campinas,

em título próprio *Anos 1980 – das primeiras discussões à institucionalização dos núcleos*, dispõe: *O início da década de 1980 ficou marcado por intenso processo de discussão em torno dos projetos pedagógicos nas várias unidades acadêmicas da PUC-Campinas. Naquela época, as atividades de extensão passaram a ser compreendidas como forma de expressar um compromisso mais efetivo da Universidade em relação à Sociedade Brasileira, fazendo referência a trabalho intitulado A Universidade e a construção de seu próprio projeto: a experiência da PUCCamp, Painel apresentado na II Conferência Brasileira de Educação, Campinas, 1982. Em 1983 foi criado o NIS – Núcleo de Integração de Serviços e em 1984 aconteceu o I Seminário sobre Extensão Universitária da PUC-Campinas.*

Ainda em 2005, a PUC publicou e divulgou outro trabalho, dentro do seu Programa de Avaliação Institucional, intitulado *Cadernos de Avaliação*, começando por destacar *Os Processos de Avaliação na Década de 1980*, 1. A Administração do período de 1981 a 1984, assim iniciando: “No início de 1980 houve um mandato *pro tempore* de apenas um (1) ano. Com o término do mandato *pro tempore* e a eleição da nova administração a partir de fevereiro de 1981, e no bojo do processo de discussão para encontrar resoluções para a crise, é elaborado e aprovado pelo Conselho Universitário, em julho do mesmo ano, um conjunto de medidas que objetivava reduzir em 50% o importante déficit operacional da Universidade”, e passando a desfilar, resumidamente, as medidas tomadas (páginas 17 a 22). Estranho que o documento, histórico, não se preocupou em nomear os personagens...

Embora fosse originalmente uma Reitoria circunstancial ela foi desenvolvida com o maior empenho, muita dedicação e amor passando a ser considerada, surpreendentemente, marco histórico cheio de realizações, nas suas três áreas de atuação, ensino, pesquisa e extensão: Diagnóstico Acadêmico, Diagnóstico Administrativo, implantação do Orçamento-Programa com a co-responsabilidade de todas as Unidades (Cursos, Faculdades e Institutos, além da Administração), alteração estatutária para democratizar a Universidade com a presença, nos Colegiados, das representações estudantis e dos funcionários, a proibição de eleições sucessivas, além de uma, para os diversos colegiados, a criação dos Departamentos, etc.

Dois fatos ainda merecem registro: primeiro, a firme e preciosa orientação que recebemos, eu, pela Reitoria e o Prof. Darcy Paz de Pádua, pela Mantenedora, do então todo poderoso Ministro da Fazenda Delfim Neto, em especial audiência a nós concedida; segundo, um empréstimo feito pelo Vaticano à PUC, a longo prazo e em condições excepcionais, fatos que possibilitaram o início de sua recuperação.

Peço desculpas por registrar tudo isso dada a oportunidade e para que a comunidade acadêmica atual tome conhecimento de parte importante da história da Instituição e do que ela passou para chegar à sua atual pujança.

Louvo a Deus por estar ainda podendo colaborar com a PUCCampinas como Professor e rogo-Lhe que cubra de bênçãos a Dom Bruno Gamberini, Grão-Chanceler e ao Prof. Pe. Wilson Denadai, Magnífico Reitor, para que sejam iluminados na condução da nossa querida Universidade.

Monsenhor Salim sempre definia a palavra *saudade* como sendo *a presença triste dos ausentes*.

E eu estou ainda presente, o que me faz lembrar a canção intitulada “Quando eu me chamar saudade”, de Nelson do Cavaquinho, cantada por Nelson Gonçalves, realçando a importância, para o conforto e auto-estima das pessoas, de ser lembrada e reconhecida em vida, porque

“Quando eu me chamar saudade
Quero preces e nada mais”.

Campinas, 27 de outubro de 2006.